



A distribuição feita pelos integrantes do Gapa é disputada por prostitutas e travestis, que acham a quantidade pequena

Distribuição do Gapa é disputada

Recerber camisinhas distribuídas gratuitamente pelo **Gapa** (Grupo de Apoio à Prevenção à Aids) já é definitivamente um hábito incorporado ao dia-a-dia, ou, melhor à noite-a-noite, das prostitutas e travestis que fazem ponto noturno na área compreendida entre a Rodoviária, Conic, Setor Hoteleiro e Setor Comercial Sul. A distribuição de preservativo pelos membros da entidade vem sendo feita uma vez por semana, dentro de um convênio iniciado em dezembro passado com o Ministério da Saúde e o Banco Mundial, com a duração de um ano e recursos da ordem de CR\$ 12 milhões.

Na distribuição de camisinhas feita na última quarta-feira à noite, a equipe do Gapa comandada pelo presidente da entidade, Marcelo Idalgo, foi recebida até com uma

certa ansiedade por prostitutas e travestis, que cercavam ele e a assistente, Alessandra Bezerra, assim que os dois se aproximavam de onde estavam. Marcelo e Alessandra percorreram parte do Setor Comercial, na calçada da via que dá acesso aos anexos dos ministérios, enquanto o restante da equipe percorria a Rodoviária e o Conic.

Em cada visita o Gapa entrega duas camisinhas por pessoa, quantia muitas vezes questionada como insuficiente pelo ganhadores, tanto travestis como prostitutas, que alegam fazer “muitos programas” e, portanto, necessitam de um número muito maior de preservativos. Na distribuição de quarta-feira não foi diferente, com vários travestis e prostitutas querendo mais camisinhas. Uma dessas últimas, que disse chamar-se Maria, tentou de várias formas convencer Marcelo e Alessandra a lhe fornecer “pelo menos mais uma camisinha”, sem êxito.

Receptividade — Embora considere a receptividade entre travestis e prostitutas das camisinhas gratuitas

“muito boa”, Marcelo Idalgo disse que o Gapa tem dúvidas sobre o uso correto dos preservativos por esses grupos. Segundo ele, no trabalho de conscientização, o Gapa está tendo muitos problemas de comunicação, devido ao linguajar próprio de cada um. Citou para exemplificar um episódio em que um dos membros da entidade perguntou a uma prostituta se ela estava usando a camisinha durante o sexo oral, ao que ela respondeu afirmativamente, para em seguida voltar atrás quando outro membro do Gapa, ao falar com outra prostituta, usou uma linguagem chula para perguntar se ela também usava a camisinha na mesma prática sexual.

Para contornar esse tipo de problema, de acordo com Marcelo Idalgo, o Gapa está tentando identificar cinco líderes naturais entre as prostitutas, travestis e “michês” (rapazes de programa), aos quais será dado um treinamento durante quatro meses, para que possam fazer “um trabalho de conscientização mais eficaz junto aos colegas”.